

# MANUEL DE FREITAS

## (1972- )

### 1. *POLÍTICO-ECONÔMICA*

#### **PRESSA DE VIVER**

*para o Zé, que nunca lerá este poema*

Negro, trinta e dois anos,  
dealer. Pensava que a guerra  
no Kosovo tinha por motivo único  
a resistência à conversão em euros  
- e talvez nisso tivesse, afinal, uma obscura  
razão. Noutra noite, vi-me obrigado  
a explicar-lhe o melhor que pude  
o que era o FMI - que ele decerto  
interpretou como um partido de ‘tugas’  
vagamente hermético. De facto, é outra  
a sua economia: contos de xamon, pastilhas,  
piropos de esquina, os dois ou três filhos  
de que apenas bêbedo se lembra.

Mas não é bem disso que eu hoje  
queria falar. Passámos a noite  
lado a lado, no mesmo balcão.  
Demorei algum tempo a cumprimentá-lo  
– “tá-se?”. Pediu logo grandes, imensas  
desculpas por não me ter visto.  
Que era “pressa de viver”, garantiu-me,  
aquilo que nos torna tão cegos é  
às evidências, ao rosto desse próximo  
que só por bíblico acaso amamos  
– quando o ódio, mais discreto,  
dá nome e sentido às ruas.

Fingi acreditar, procurei não  
desmentir o seu olhar verde  
vindo de outro qualquer planeta.  
Seria difícil explicar-lhe àquela hora  
a compulsiva demora de morrer  
que me faz sair de casa e procurar,  
entre ninguém, a pior das companhias: eu.

Acabou por levar para a rua  
uma imperial de plástico, lembrado  
talvez dos possíveis clientes  
a quem ajudará a esquecer um emprego,  
o desamor, o calor sinistro deste Verão.  
Na verdade, pouco mais haveria  
a dizer sobre este corpo brando que  
há vários anos se encosta às minhas noites.  
Serve-me de escudo para os bárbaros mais novos  
– e protege-se, o melhor que pode,  
da rusga sem objecto a que chamamos vida.

[*Sic*, 2003]

**5 412971 117161**

Tem cara de perder. Esta semana  
voltou a não levar preservativos  
e nunca mais comprou comida para o cão.  
Se calhar divorciaram-se, e sicou ela  
com o bicho. Só não percebo como é que  
Ele sozinho consegue beber tanto leite.  
perdeu também um pouco da arrogância  
com que habitualmente me passava  
o visa. Mas devia ser bonito, em novo.

[*Isilda ou a nudez dos códigos de barras*, 2001]

**5 601009 610037**

Não me vêem. Ainda bem.

Fiquei de apanhar a Raquel  
no infantário e não tenho como dizer  
ao Jorge que a puta da Irene  
faltou e já não dá. Beijam-se,  
cospem-se assim de afecto  
como eu (nós?) há dez anos.  
Mal ouvem a conta ou isto tudo  
que me gane dentro numa  
servil polidez. Apetecia-me dizer  
“foda-se!” – o vosso amor, o meu.  
E o pior é que não posso.

[*Isilda ou a nudez dos códigos de barras*, 2001]

#### **5 602543 0300515**

Por mim, pagava-lhe a água  
e a sandes (duvidosa, como  
tudo o que aqui se faz). Mas não  
posso ser despedida agora.  
Ao dar-me o dinheiro, quase  
pede desculpa dessa vida também  
em forma de navalha romba.  
até, de certeza, amanhã – pois  
nem a morte quer ir com a nossa cara.

[*Isilda ou a nudez dos códigos de barras*, 2001]

#### **5 010509 001229**

É o que se chama um “higiênico”: latas,  
comida feita e embalada, whisky,  
cerveja ou vinho (quando não três).  
Deve beber-lhe bem e mudar pelo menos  
duas vezes por semana a areia do gato.  
é tímido, inseguro e – por isso mesmo –  
extremamente rápido a arrumar as compras.  
Vai pagar outra vez com o cartão. Hoje  
parece mais triste, talvez por no seu íntimo

saber já que vai escrever um poema  
sobre mim, mera ajudante da leitura  
dos códigos fatais em que cada um se expõe.

Mas para que tantas palavras? Bastava-lhe  
ter dito que me chamo Isilda  
e que a vida que tenho não presta. A dele,  
suponho, não será muito mais feliz.  
escusava era de maçar a gente  
com o que sofre ou deixa de sofrer.

A minha sabedoria é muda, desumana:  
um dia enlouqueço ou fico para sempre presa  
a um pesadelo sentado, com barras transparentes.

[*Isilda ou a nudez dos códigos de barras*, 2001]

#### **CODA (trechos)**

[...] Hoje  
parece mais triste, talvez por no seu íntimo  
saber já que vai escrever um poema  
sobre mim, mera ajudante de leitura  
dos códigos fatais em que cada um se expõe.

Mas para que tantas palavras? Bastava-lhe  
ter dito que me chamo Isilda  
e que a vida que tenho não presta. A dele,  
suponho, não será muito mais feliz.

#### **CENTRO COMERCIAL I**

Agora a morte é diferente,  
facilitaram-nos o desespero, a angústia  
tem já ar condicionado. Em vez  
dos bancos de jardim, por certo demasiado  
rudes, temos enfim lugares amplos

onde apodrecer a miséria simples do corpo.

Que incalculável felicidade a de percorrer  
galerias de nada tresandando a limpeza  
e segurança. Aí se abandonam jovens  
rebanhos sentados sorrindo ao  
vazio palpável, ou ferozmente no meio  
dele. Revezam-se - mas quase diríamos  
que são os mesmos ainda, exaustos  
de contentamento. Dêmos pois as boas-vindas a esses  
heróis do betão consagrado. Só eles nos fazem  
acreditar no advento do romantismo cibernético.

É doce a merda que nos sepulta  
e o cancro que um dia destes nos matará  
há-de ser muito limpo, quase ecológico.

[*Todos contentes e eu também*, 2000]

## **CENTRO COMERCIAL II**

Uma hipótese de morte com fato de treino  
em fim-de-semana cheio de graça. Perdido e  
contente como os filhos hão-de ser,  
pura imagem de horror  
a demorar-se num século vazio.

A autoridade do dinheiro quase nada  
esconde já a pobreza vegetal, a  
essência decompondo-se. Ele não sabe. Sei eu  
por si este pânico, a desmesura triste  
de o olhar enjoado, enquanto o silêncio sangra  
e quase fede – menos contudo do que as tripas  
inúteis deste domingo absurdamente igual  
a todos os outros que nos falta viver,  
arrastar com fúnebres cuidados

para num arremesso de baba feliz  
ganhar o futuro, a morte precisa

que nessa palavra dizemos.

[*Todos contentes e eu também*, 2000]

## **2. POÉTICA**

### **QUANDO SÓS À BOLEIA DO CREPÚSCULO**

*para o Fernando Guerreiro*

Não mais a literatura, os seus  
fúteis e imperiosos desígnios  
- julgamos dizer, insistindo  
numa ourivesaria do terror  
e em gestos que sabem o quanto  
chegam tarde. Quando sós,  
à boleia do crepúsculo, dizemos  
coisas assim, mentimos com  
os dentes todos que não temos.

E a mentira (a literatura)  
é ainda a improvável derrota  
de que não nos salvaremos  
nunca. Tão igual à vida, portanto:  
pouso o copo, recupero o fôlego,  
fumo uma silepse. Sei que vou morrer.

E isso que - talvez - nos diz  
é uma evidência que escurece  
(tivemos por amigo o desconforto).

Quanto ao mais, vamos andando.  
Casados ou sozinhos. Mortos.

[*Sic*, 2002]

## **SINIETÉ**

Não vale a pena empurrar o discurso  
até aos nulos e fulgurantes  
limites da linguagem. Não vale a pena  
nomear o vazio com palavras mais estéreis ainda.  
Que pereça sozinho este mundo onde  
por descuido regressamos a um corpo  
e lhe ensinamos a ruína, os vários rostos da morte.

Por corpo diz-se talvez  
uma matéria que não nos pertence,  
embora possessa a morramos.  
Um nome não vale a pena.

Tudo existe, mas nada é real,  
nem sequer o vazio, Digamos adeus  
à alma que se nos nega  
como uma salsicha sem lata,  
deixando o poema esquecido  
a um canto de si, esquecido e atroz.

De nosso só temos a morte,  
o que não vale a penas sabermos.

[*Os infernos artificiais*, 2001]

### **MERDAFÍSICA**

A poesia não é um tema importante (há quinze dias  
que o mundo deixou de ter sentido).  
O que interessa afinal são os breves modos  
da morte, a mosca que teimosamente  
caiu no rude prato da nossa sopa.

Porque é sobre nós que deixa de haver mundo  
para podermos celebrar o vazio  
— ou outra coisa qualquer.

[*Todos contentes e eu também*, 2000]

### **SUMÁRIO**

Tão real que até faz pena. Tirou  
a dentadura para sorver as últimas pedras  
de gin no cibercafé do bairro alto.  
Depois descalçou-se a foi outra vez  
estrangeira e loura, como se houvesse morte  
para isto. Aquele que haverá, decerto,  
e nos encontra mudos ao final da tarde.

Nós, digamos assim, tínhamos visto tudo.  
Só não sei quem chorava mais: tu  
ou o ar condicionado da 24 de Julho.  
Os semáforos, em vez do coração,  
lembravam um pénis no lavatório  
à espera de outro poema

e da vida nem por isso.

[*Sic*, 2003]

## **3. ALCÓOLICA**

### **CAVE BAR**

*para a Susana*

Há tabernas assim, de  
desusada melancolia para estes  
tempos que correm friamente.  
Aqui estivemos algumas tardes,  
bebendo martinis sob o azul sombrio  
das paredes, junto ao lavatório  
sujo e amarelecido. Quase  
ninguém chegava para além de nós,  
em silêncio e ranho exilados.

A disposição das mesas, a patroa

envelhecendo por detrás do  
balcão, o som demasiado alto do rádio  
– tudo nos fazia lembrar um livro,  
demorada canção onde afinal  
não pudemos caber.

Depois, apenas sozinho regresssei  
a este quieto lugar de sombra.  
Abandono-me à mesma mesa, mas agora  
é como o Verlaine de certa fotografia.  
Como ninguém.

Subterrânea foi a nossa despedida.

[*Todos contentes e eu também*, 2000]

### **SPIRAL INSANA**

Estilhaços de quê,  
esses que trazes nas mãos  
impotentes? Quem  
te amou na breve ruína  
do mundo? São de despedida  
os sinais que do vazio se estendem  
sobre o vazio. Talvez  
se adivinhe o silêncio, a  
extrema pureza do abandono.  
Nem rosto tens já  
para sorrir à morte.

Entretanto bebes muito  
nos templos da amargura,  
olhas sem paixão  
o rigor feroz dos abutres  
esvoaçado. O que procuras é  
a própria canção do desespero,  
uma taberna distante do mundo,

nenhum modo que não seja de noite.

[*Todos contentes e eu também*, 2000]

### **VIDALVAZ**

Talvez viver seja isso,  
isto precisamente.

Um ovo estrelado com pão,  
uma taberna sob impiedosa trovoadas  
quando a cidade anoitece e se ouve  
qualquer relato decerto importante  
em que o herói se chama Sporting.

Estas tabernas, lugares sombrios  
onde sob o pouco aprumo dos tonéis  
morreu ou foi morrendo um poeta  
que os abutres da nação fazem questão  
de aclamar. Tinto ou branco, vai sempre  
dar ao mesmo, modo apenas de vomitar  
uma ausência fulgurante.

Entretanto dizem-se aqui os “até amanhã”,  
celebra-se a calma metafísica de uma sopa  
amornada e doente. São os mesmos que amanhã  
cá estarão, vacilantes e anónimos, dizendo  
de novo “até amanhã” para que a eternidade  
se finja repetir. São os mesmos até mais ver,  
a sopa, o ovo estrelado, o futebol, a  
recusada tristeza de envelhecer.

E talvez viver seja isto, a cruel poesia  
dos tonéis, o mármore de balcões engordurados,  
este morrer  
de um modo gentil, quase despercebido.

Não importa quem lembra as tabernas  
que lentamente se apagam,  
os versos tristes que as cantam.

[*Todos contentes e eu também*, 2000]

### **ZULMIRA, AO AMANHECER**

No urinol público lia-se UTILIZAÇÃO GRATUITA.  
Fiquei quase feliz (quantas coisas gratuitas  
há neste mundozinho de horror?).  
Mas o que desta manhã eu mais agradeço, Zulmira,  
é a tua sopa, essa que tantas vezes  
me salvou a vida, entre centenas de superborks.

Não me inquietam os chulos, os assassinos  
ou estes mendigos calados. Ilustríssima gente,  
de uma má-raça inegável. Prefiro perder  
com eles os meus dias, e falar da fome, dos joanetes  
ou do preço do azeite. Não tenho tempo  
para aprofundar desrazões, nem para conviver com puetas.

Sei apenas que as poucas pessoas que amei  
estavam por detrás de um balcão  
onde o álcool ardia, muito devagar.  
Os meus pobres anjos.  
Também por isso gostava de te obrigar a esta taberna,  
exílio cantante de todas as minhas antigas manhãs.

Por esta mãe desolada, pelo rumor sombrio  
do vinho que nunca azedou nos meus lábios,  
por certas inábeis palavras que sobre os barris  
faleceram e te pertenciam somente.

Mas “até logo, Zulmira”, bem sabes que do amor  
ou do futebol nada poderei jamais dizer  
ou sentir. Entre os teus braços largos deponho  
em silêncio aquela negra noite do meu mal.  
Por uma sopa encorpada, sobre destroços  
imperecíveis, bocados de morte partidos.

[*Os infernos artificiais*, 2001]

### **BENILDE AO BALCÃO I**

Valerá a pena uma voz vária?  
Benilde está ao balcão, repara nas moscas  
pulando ao acaso num canto desvanecido,  
e os homens - mudos e sonolentos -  
dão à taberna um sepulcral prestígio  
que em certos dias me apraz.  
Envelhecemos todos, com vocação  
ou sem ela. Não sei se as moscas também,  
indiferentes a uma pergunta errada.

Mas eis que alguém canta um fado,  
estando Benilde ao Balcão.  
Talvez só então me aperceba de  
que a tristeza é um luxo, impossível  
um poema nos tempos que correm  
ou param. Benilde ao balcão saberá?

Vou omitir por piedade a inércia  
gutural do que ouvi, pronto motivo  
para que outros se levantassem também  
- subitamente fadistas por obrigação  
ou desforra. Sai-lhes da reforma pequena  
uma voz destruída pelo álcool, inter-  
mitente, capaz ainda assim de vislumbres  
de sabedoria: «a vida é uma estória  
e a estória é mentira».

Benilde, ao balcão, não se pronuncia.  
Nasceu mulher, e ainda por cima existe  
(não veio da peça de teatro que tornou  
literário o seu nome). Aqui quem actua  
são *eles*, frutos disformes de uma «alma  
nacional» que subscrevemos sem pensar muito.  
Depois dá nisto: brando desespero  
com quase vergonha de o ser.

Acendem-se na tarde as perdidas coisas,  
imunes ao fado e às moscas  
e a tudo. Quem pudesse remediar o defeito  
grave deste existir lodoso, sem comunhão  
à vista. Enobrecê-lo, pelo menos.  
Mas não, apesar de tudo. Benilde  
é a imagem estóica - embora desconheça  
o termo - de um reino que não pôde ser,  
por excesso de dor ou por nada.

Não é por conveniência retórica  
que o confundo com uma taberna  
onde as paredes, o urinol exíguo,  
a demitida luz, me lembram de ti  
ou da morte. Estamos todos aqui, acontece.  
Até que me interrompam, do lado  
de fora do poema, para me dizerem  
com o rosto chagado e incerto  
que «não vale a pena pensar nessas coisas».

Poder-se-ia suprimir o complemento directo,  
se não fosse deselegante sujar  
de gramática o que é lição pura de desespero.  
Dou-lhe um cigarro, mais não posso dar  
- e não é culpa minha a consternação  
quando uma mulher, destroçada embora,  
entra num reduto de decadência viril.  
Se perdoam Benilde é porque está ao balcão.

Por quanto tempo não sei. Lá fora  
o trânsito e os rostos  
tingem-se de irreabilidade, vistos deste reino  
que não chegou a sê-lo. O relógio  
há tantos poemas parado não sustém o tempo  
homicida, e um dia a praça das Flores  
será um ameno lugar de chacina  
privado de bêbados como eu.

[*Os infernos artificiais*, 2001]

## URINOL

As melhores horas da nossa vida,  
as mais contentes, passámo-las  
num urinol qualquer, vendo correr o mijo  
capaz e fluente numa certeza de louça  
branca, amarela ou cinzenta.  
Instantes de pouca opressão,  
cumprindo embora um estúpido dever,  
desses do corpo, sob o silêncio infecto de Deus  
- que talvez fosse aquele puxador  
de autoclismo que um dia me ficou na mão,  
numa taberna discreta ao Poço dos Negros.  
Guardei-o ainda alguns meses, mas de Deus  
como de um autoclismo, de tudo  
acabamos por nos cansar. Até de poemas.

São ruas velhas assim, onde paira  
a suposição grosseira de um urinol  
divino e sombrio, que nos fazem aceitar  
esta voraz forma de extermínio. O nosso,  
incandescente, num apogeu de melancólicas  
retretes onde os insetos e bactérias do acaso  
nos distraem o olhar  
embaciado pelo abuso da lixívia.

Uma lucidez pegajosa, toldando a idade  
das mãos invariavelmente senis.  
Como se bastassem, ou fossem mesmo  
excessivas, certas baixas certezas de cão,  
desastres menores. Sabendo-se de fonte  
segura que o mijo pode ser um poema.  
Um poema cansado do que antes foi vinho,  
a suicidar-se agora - contente e tão triste -  
no vazio evidente de uma louça  
branca, amarela, sagrada.

Pequenas alegrias e no entanto as maiores,

essas mesmas que bastarão,  
que terão de bastar,  
no dia  
em que formos  
morrer.

[*Os infernos artificiais*, 2001]

### **CÉLINE BLUES**

Estas coisas perdem-se. Primeiro  
a disponibilidade para a paixão, depois  
a própria capacidade de alguém  
se vir noutro alguém. Estas coisas  
estão sempre a perder-se – e não faz mal,  
contanto que nos reste para isso  
uma canção decadente.

Falo de órgãos, artérias, tendões.  
Do mesmo modo que a alma  
é um órgão proscrito que sem vigor  
assediamos, adivinhando talvez  
que o vazio saberá devorar os traços  
que de si próprio deixou: bagatelas,  
massacres e aflitas circuncisões  
de sentido. Paga-se nisso tudo,  
de costas para a retórica,  
e faz-se uma canção decadente e sem vigor

E é ainda para ninguém  
que estamos a falar coisa nenhuma, supostamente evidente porque  
estas coisas se perdem, como dizia  
no primeiro verso o arrogante sujeito  
poético que em boa hora se cala.

[*Os infernos artificiais*, 2001]

### **CANSADA DE SERVIR NINGUÉM**

A primeira e talvez a única  
condição da poesia: a falsidade.  
Posso no entanto jurar que foi  
hoje mesmo, pelo fim da tarde, que  
ela entrou desconexa, com um anel rutilante  
em cada dedo, na taberna de praça das Flores.

O velho, sentado à minha mesa, teve  
de ouvir uma canção de marinheiros,  
inevitavelmente triste. Só então  
me apercebi, como ele, de que trazia ao colo  
uma pomba. Pediu-lhe que voasse  
- e ela voou, contornando as moscas  
deste Verão precoce, em direcção ao jardim  
(sempre tiveram jeito para voar, as pombas).  
Quase não vi aquelas mãos caírem sobre  
uns seios gastos, a pretexto do colar.

Benilde, sentada, apenas viu nisso tudo  
uma espécie de loucura mansa,  
o modo como a tarde docilmente se despede,  
à sombra parada do relógio. Sessenta  
anos de balcão pesavam-lhe hoje mais nas pernas,  
indiferentes aos poemas que nunca lerá,  
enquanto um último refrão, entre muletas  
e copos vazios, nos volta a impor a única verdade.

A pomba - de um branco acastanhado -  
parecia não se importar muito.

[*Terra sem coroas*, 2007]

### **Referências**

FREITAS, M. de. **Todos contentes e eu também**. Porto, Campo das Letras, 2000.

FREITAS, M. de. **Os infernos artificiais**. Lisboa, Frenesi, 2001.

FREITAS, M. de. [**Sic**]. Lisboa, Assírio e Alvim, 2003.



FREITAS, M. de. **Beau séjour**. Lisboa, Assírio e Alvim, 2003.

FREITAS, M. de. **Terra sem coroa**. Vila Real, Teatro de Vila Real, 2007.

FREITAS, M. de. **Portugal, 0. Antologia**. RJ, Oficina Raquel, 2007.

FREITAS, M. de, SILVA, J. M. **Walkman**. Lisboa, & etc. 2007.

MAFFEI, Luis. **Manuel de Freitas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.